

Há segredos ocultos nas dobras da existência, assim como há uma magia perturbadora na possibilidade de gravar e eternizar os raios luminosos que desvelam as formas de uma paisagem, de um rosto, das brincadeiras das crianças, da espuma da onda do mar que se espalha na areia.

Diante do êxtase e do assombro sobre os desígnios da vida e da consciência dolorosa da finitude, o fotógrafo Ilan Kelson percebe a fotografia, com sua promessa de eternidade, como uma forma potente de investigar aquilo que nos é essencial. Aquilo que não podemos nomear, mas apenas perceber, distraidamente no fluxo do tempo, como potência genuína de vida, de transformação contínua da matéria visível e, por conseguinte, do cosmos. Imagens furtivas que ao criarem constelações e narrativas não lineares, expressam a mutação da matéria orgânica, a leveza e o enlevo de instantes que revelam a beleza da criação. A Terra percebida, nesses fragmentos colhidos nas andanças do fotógrafo, como um Jardim do Éden.

No Jardim das possibilidades infinitas de Ilan, uma nuvem no céu observa a si mesma espalhada no estouro da onda do mar. Quando a água do lago evapora e também se torna nuvem, parece preservar na memória dos vapores, a forma do cisne que sobre o lago boiava placidamente. A textura crispada do véu de água de uma potente cachoeira cria um jogo formal de equivalência com a copa das árvores de uma densa floresta vista por cima. Esse jogo de transmutação intermitente de tudo que existe e persiste é flagrado por Ilan de forma sorrateira com imagens de extrema elegância, devotas de uma linha de fotografia inserida numa tradição da fotografia que possuem o esmero da composição e da luminosidade como estratégias bem demarcadas para alcançar uma espécie de silêncio ritualístico. O estado contemplativo no qual o fotógrafo claramente se coloca nos seus exercícios de observação do mundo permeiam as imagens. Diante dessas fotografias organizadas em sequência, somos tragados por essa atmosfera que possui a capacidade de nos fazer vislumbrar uma dimensão paralela do mundo. Lampejos de clarividência sobre ser e estar no mundo, sobre existir no instante exato de um flagrante fotográfico e sem a ânsia do porvir.

A força da obra de Ilan Kelson, bem demarcada após a publicação de *Tempus Fugit* (Fotô Editorial, 2020) seu primeiro livro, está também na forma como o artista consegue articular as imagens de seu acervo criando hiatos de grande expressão nos intervalos narrativos entre uma imagem e outra sucessivamente dentro do corpo dos seus ensaios. Como cenas

de um filme que teve parte de seus fotogramas subtraídos, Ilan nos impele a restaurar os pontos de conexão entre uma imagem e outra, gerando assim uma relação intensa e interativa entre suas imagens e o espectador.

Ao falar em profundidade de si e de seus questionamentos diante dos enigmas e da beleza da existência, o artista nos leva junto em sua viagem. Ao transitarmos por esse tempo imemorial do universo flagrado pelo artista, retornamos mais conscientes do nosso devir iminentemente poético sobre a Terra.

Eder Chiodetto